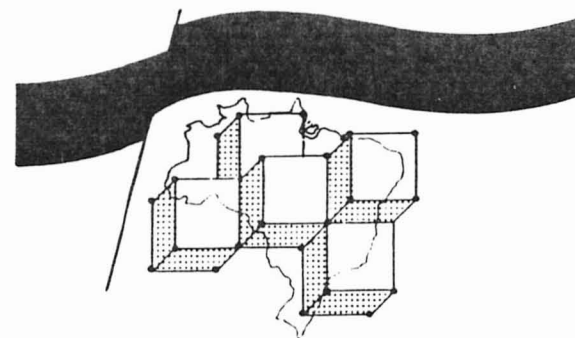


- I - Rio de Janeiro (DF) em nov/1947
- II - São Paulo (SP) em nov/1948
- III - Salvador (BA) em set/1949
- IV - Ouro Preto (MG) em nov/1950
- V - Curitiba (PR) em set/1951
- VI - Porto Alegre (RS) em nov/1952
- VII - Terezina (PI) em nov/1953
- VIII - Recife (PE) em nov/1954
- IX - Águas do Araxá (MG) em nov/1955
- X - Volta Redonda (RJ) em nov/1956
- XI - Salvador (BA) em nov/1957
- XII - Belo Horizonte (MG) em set/1958
- XIII - São Paulo (SP) em nov/1959
- XIV - Brasília (DF) em nov/1960
- XV - Florianópolis (SC) em nov/1961
- XVI - Porto Alegre (RS) em nov/1962
- XVII - Recife (PE) em nov/1963
- XVIII - Poços de Caldas (MG) em nov/1964
- XIX - Rio de Janeiro (RJ) em set/1965
- XX - Vitória (ES) em set/1966
- XXI - Curitiba (PR) em nov/1967
- XXII - Belo Horizonte (MG) em set/1968
- XXIII - Salvador (BA) em nov/1969
- XXIV - Brasília (DF) em set/1970
- XXV - São Paulo (SP) em set/1971
- XXVI - Belém (PA) em out/1972
- XXVII - Aracajú (SE) em out/1973
- XXVIII - Porto Alegre (RS) em out/1974
- XXIX - Ouro Preto (MG) em nov/1976
- XXX - Recife (PE) em nov/1978
- XXXI - Camboriú (SC) em out/1980
- XXXII - Salvador (BA) em set/1982
- XXXIII - Rio de Janeiro (RJ) em out/1984
- XXXIV - Goiânia (GO) em out/1986



774139

XXXIV Congresso Brasileiro de Geologia



Boletim nº1
Resumos e Breves Comunicações

06081

Goiânia - Goiás
12 a 19 de Outubro de 1986

tradas. A composição química das rochas situa-se no campo dos peridotitos komatiíticos. Os elementos alcalinos parecem ter-se mobilizado durante o metamorfismo, enquanto SiO_2 , CaO , MgO , FeO e P_2O_5 não se mostram móveis. Al_2O_3 foi também essencialmente imóvel, embora em algumas amostras ocorram sinais de mobilização. Diagramas molares de Hidrolina e Crixás revelam que o principal controle na variação composicional foi exercido por olivina, estando os komatiitos de Crixás em equilíbrio com termos mais ricos em ferro que os de Hidrolina. Diagramas CSAM mostram pequenas e consistentes diferenças entre Crixás e Hidrolina. Aparentemente, durante a fusão parcial mantélica, clinopiroxênio foi exaurido antes em Hidrolina e depois em Crixás. Esses dados são consistentes com a hipótese da existência de um manto Arqueano heterogêneo.

syono = 027439

1.986 -

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS ANFIBOLITOS DA FOLHA DE CÁSSIA, MG

Ciro Teixeira Correia
USP

A seqüência estratigráfica do Grupo Araxá na Folha de Cássia, MG, constituida essencialmente por xistos, quartzitos, gnaisses e migmatitos de injecção e as rochas de seu embasamento, representado por gnaisses e migmatitos de caráter anatético, apresentam várias intercalações de corpos anfibolíticos com dimensões variáveis, desde centimétricas chegando a dezenas de metros. Dados de campo e petrográficos como: ausência de bandamento, núcleos de clinopiroxênios em hornblendas, plagioclásios zonados; além de dados analíticos de elementos maiores e menores, obtidos por fluorescência de raios X, em 16 amostras do Grupo Araxá e em duas de seu embasamento, indicam provável origem ígnea para estes anfibolitos. Assim, as amostras de Cássia além de apresentarem elevados teores de Cr, Ni, Co e Ti caem invariavelmente em campos ígneos e/ou ortometamórficos ou sobre tendências ígneas quando localizadas nos diversos diagramas disponíveis na literatura, como os de Walker et al.; Leake; e Van de Kamp. As relações $\text{Ti} \times \text{Zr}$, $\text{Cr} \times \text{FeO/MgO}$, $\text{SiO}_2 \times \text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O}$, $\text{SiO}_2 \times \text{FeO/MgO}$, $\text{Al}_2\text{O}_3 \times \text{FeO/FeO} + \text{MgO}$ e $\text{Fe} + \text{Ti} - \text{Al} - \text{Mg}$, mostram que as rochas ígneas que lhes deram origem apresentam características transicionais entre basaltos komatiíticos até alcalinos, passando pelos toleitos, o que também é indicado quando as amostras são localizadas no diagrama $F_{\text{py}} \times F_{\text{Hb}}$ proposto por La Roche, onde são considerados, simultaneamente, a maioria destes elementos.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS MINERALÓGICAS E GEOQUÍMICAS DO MINÉRIO DA JAZIDA DE COBRE - SALOBO 3A, SERRA DOS CARAJÁS

Bernardino R. Figueiredo
Roy E. Bruns
UNICAMP

As feições mineralógicas principais do minério do Salobo 3A foram descritas com base no estudo petrográfico de cem amostras, coletadas em testemunhos de sondagens, parte das quais também serviram para o estudo de composição de fases minerais através de microanálise eletrônica. A partir desses estudos, dois tipos litológicos principais de rochas hospedeiras da mineralização foram observados: o mais abundante é representado por rochas à base de grunerita portadoras da paragênese magnetita-bornita-calcocita; o segundo tipo é representado por rochas à base de fayalita portadoras da paragênese magnetita-calcopirita-bornita. Também foi observada a presença da associação magnetita-hematita-bornita-calcocita que parece estar relacionada a um aumento da quantidade de clorita e quartzo nas rochas. As relações de fases óxido-sulfetadas são consistentes com as feições da assembléia mineral silicatada originadas pelo retrometamorfismo a que foi submetido o pacote mineralizado. Resultados de análise química multielementar de um grupo selecionado de dezenove amostras, representando vários tipos litológicos, fo-

ram tratados pelos métodos de reconhecimento de padrões do programa *MINER*, adaptado para microcomputador. Comparações entre os resultados de análise química e aqueles obtidos a partir da caracterização mineralógica do minério objetivaram subsidiar as discussões sobre a geologia do depósito. A aplicação do método dos componentes principais no tratamento dos resultados de análise química, indicou uma classificação das amostras de minério que confirma a importância dos fatores temperatura e atividade de O_2 , já assinalada pelos estudos petrográficos. Entretanto, essa classificação revelou ainda que a separação dos tipos de minério sofre também a influência de outros fatores relacionados à intervenção de processos sedimentares e vulcano-exalativos que costumam ser apontados na discussão da gênese do depósito mineral do Salobo 3A.

DOCEGEO e FIPEC/BB

A SUÍTE CHARNOCKITO-ANORTOSÍTICA DA SERRA DO ALEIXO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Paulo de Tarso V. Perosa
Dufilio Rondinelli
José Affonso Rielli Saraçiotto
Maria Heloisa B. de O. Frasca
DMG/IPT

Durante as atividades de campo realizadas no âmbito do projeto Geoquímica de semidetalhe em alvos selecionados - região Serra do Aleixo-Ilha de Cananéia, foram observadas algumas feições geológicas e petrográficas, referentes ao conjunto de rochas enfeixadas nos Complexos Costeiro e Serra Negra, que permitem, preliminar e tentativamente, interpretações totalmente distintas daquelas até agora efetuadas para a referida associação litológica. Tais feições correspondem à definição e à caracterização petrográfica de uma suíte de rochas charnockíticas e anortosíticas, a qual incluiria anortosito à andesina do tipo maciço, anortosito norítico, norito, jotunito, enderbito, opdalito e charnockito correspondente a membros de uma série, espacialmente relacionados e com passagens gradacionais entre eles. Essa associação litológica apresenta uma notável semelhança com aquelas caracterizadas para os maciços anortosíticos de Morin (Quebec, Canadá) e Nain (Labrador, Canadá). No presente trabalho são tecidas algumas considerações acerca dos aspectos geológicos e petrogenéticos da referida suíte, bem como sobre o potencial mineral inerente à mesma.

GRANADAS DOS TURMALINA-GRANITÓIDES DE PERUS, SP: VARIAÇÕES MORFOLÓGICAS E QUÍMICAS

J.B. de Madureira Filho
Gergely A.J. Szabó
Sílvia R.F. Vlach
USP

Estudos mineralógicos preliminares dos turmalina-granitóides do stock de Perus, Município de São Paulo, revelaram a presença de diferentes tipos de granadas, caracterizadas por aspectos morfológicos, texturais e químicos próprios. As variedades mais contrastantes de granadas ocorrem nas zonas marginais dos granitóides (tonalitos-granodioritos de granulação fina a média), concentradas principalmente junto aos contatos de xenólitos de rochas encaixantes; no corpo granitóide principal (granodioritos e granitos de granulação média a grossa) e em veios e bolsões pegmatóides, respectivamente. No primeiro caso, a granada ocorre em número elevado de cristais euhedrais, transparentes, de coloração vermelho pardacenta, apresentando formas combinadas de icositetraedro e rombododecaedro e dimensões em torno de 1,0mm. Suas arestas e faces são planas e a composição (obtida através de métodos